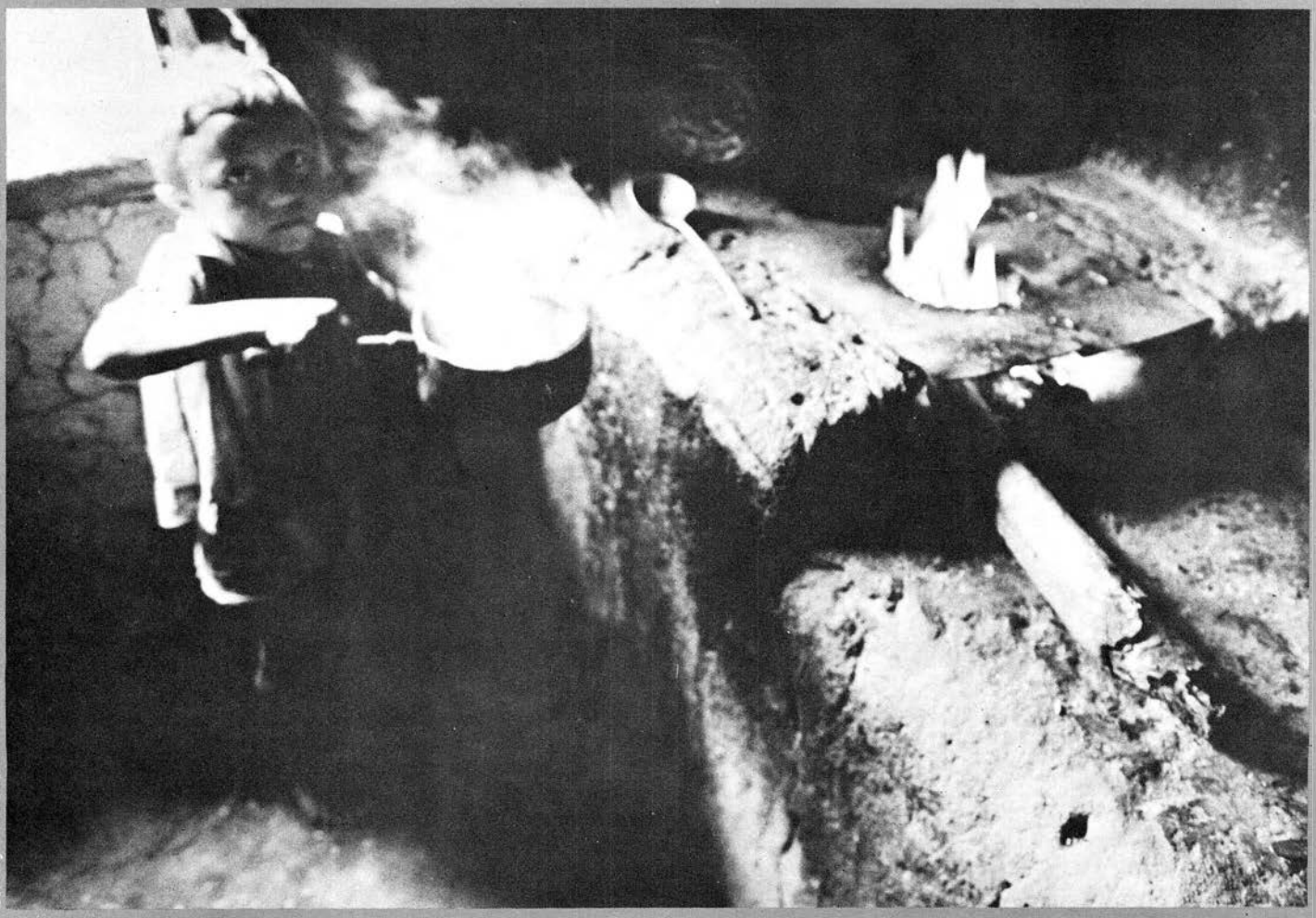
tempo e presença

publicação mensal do CEDI
número 175
maio/junho de 1982

# A VIDA VENCE A MORTE



Sidney Waismann

# EDITORIAL

## "Eu vim para que tenham vida"

*O aperfeiçoamento, o incentivo e o aumento de sofisticados instrumentos que produzem a morte recolocam, de maneira dramática, a temática da vida. É crescente o número de pessoas, de grupos e de instituições preocupadas com o significado da transformação da terra num grande arsenal. É natural que este problema se tenha transformado em preocupação central também na vida da Igreja que, pela sua natureza, se constituiu em corpo que anuncia a mensagem de Cristo — "Eu vim para que tenham vida". Não se trata, portanto, de mais um enunciado retórico, mas de um clamor fundamental que se expressa em todas as atividades eclesiásticas.*

*Na realidade em que vivemos, todos nós e a Igreja, compartilhamos os sinais da vida e da morte. Estes se manifestam na vida de cada um de nós, assumindo todas as dimensões do existir e, especificamente, as formas estruturais e organizadas. Na América Latina os sinais de sofrimento e morte parecem ser os dominantes na vida de nosso povo. Entretanto, neste contexto de dor e injustiça, ressurge, nos últimos anos principalmente, a esperança de construir novas formas de relações sociais. Nestas, os sinais de vida querem sobrepujar os da morte e antecipar a alegria da vitória da justiça e do reino que Cristo proclama.*

*Significativa parcela e setores da Igreja aprofundam, cada vez mais, seu compromisso com a vida de maneira concreta e encarnada. Os riscos da incompreensão e do martírio têm sido freqüentes em muitos lugares. Têm sido ainda, ocasião para aqueles que ousam e que acreditam — até as últimas conseqüências — que o Evangelho do Cristo é um chamado iniludível a participar na luta pela vida plena e abundante e na celebração da vitória (ainda que apenas através de sinais) sobre todas as formas, embora disfarçadas, de morte e de opressão.*

*Aqueles que estão lutando nesta perspectiva perceberam também que este esforço só ganha sentido quando feito em conjunto — de uma forma ecumênica, portanto. O ecumenismo assume assim sua dimensão mais profunda e atual. A luta pela justiça, inspirada no mandamento de Cristo, passa a se constituir no motivo central do encontro de todos aqueles que, capazes de superar diferenças menos significativas e até historicamente ultrapassadas, juntam-se no desafiante processo da construção da vida e destruição da morte.*

*Um dos acontecimentos mais importantes dessa caminhada será, sem dúvida, a Sexta Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas (Vancouver, Canadá, julho/agosto de 1983), cujo tema é "Jesus Cristo — a Vida do Mundo". É um forte apelo e momento oportuno para os crentes brasileiros se juntarem a este esforço ecumênico de grande valor e inspiração evangélica.*

*Por isto mesmo estamos divulgando neste número a contribuição das Igrejas Evangélicas de todos os países da América Latina para o aprofundamento desta caminhada em favor da vida e da paz, e que tem como momento importante a Assembléia de Vancouver. Isto em função do desejo de que seja mais uma etapa na reafirmação da proposta daquele que "faz novas todas as coisas".*


**tempo e presença**

**publicação mensal do CEDI**
**número 175**
**maio/junho de 1982**

**Tempo e Presença Editora Ltda.**

Diretor
Domício Pereira de Matos

Conselho Editorial
Paulo Ayres de Matos
Leticia Cotrim
Heloisa Martins
Aluisio Mercadante
Zwinglio Mota Dias
Neide Esterci
Jether Ramalho
Carlos Rodrigues Brandão
Elter Dias Maciel

Fotolitos e Impressão
Clip — Rua do Senado, 200
Tel.: 252-4610

Composição
Gráfica Editora Prensa Ltda.
Rua Comandante Vergueiro da Cruz, 26
Olaria — Tel.: 280-8507

Assinatura anual: Cr$ 1000,00
Remessa em cheques pagáveis no Rio para Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 Rio de Janeiro, RJ

Publicação mensal
Registro de acordo com a Lei de Imprensa

**CEDI**
**Centro Ecumênico de Documentação e Informação**

Rua Cosme Velho, 98 fundos
Telefone 2055197
22241 Rio de Janeiro, RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 667273
01238 São Paulo, SP

Editor Geral
Elter Dias Maciel

Redatores
Carlos Cunha
Rubem T. de Almeida
Luis Roncari
Edin Abumanssur

Equipe de Arte
Anita Slade
Martha Braga

Produtor Gráfico
Roberto Dalmaso

Assinaturas e Expedição
Valéria Carrera Roura

# EM MARCHA RUMO À ASSEMBLÉIA

## REUNIÕES PREPARATÓRIAS

Não terá início antes de 1983 e, entretanto, já se iniciou. Vai celebrar-se em Vancouver (Canadá), porém será igualmente importante em muitos outros lugares de nosso mundo.

Tudo começou em princípios de 1981, num fim de semana frio, em Genebra (Suíça), quando uma comissão constituída de quinze membros se reuniu num centro de conferências deserto. O trabalho que ali se realizou e as longas horas preparatórias de planejamento e oração imediatamente dariam lugar a uma ambiciosa série de encontros ecumênicos, dos quais participariam milhares de cristãos de todos os continentes.

A comissão preparatória encontra-se diante de uma tarefa ingente, como muito bem sabe a sua presidente, uma metodista leiga da Inglaterra a qual dirige uma equipe muito diversificada, composta de homens e mulheres de Igreja (bispos da Rússia, do Pacífico e do Oriente Médio, uma enfermeira da África do Sul, um pastor da Coréia e um professor do Zaire).

Em que pesem as suas diferenças e a sua diversidade, já reinava entre eles um espírito de camaradagem e todos estavam convencidos de que as reuniões que eles estavam preparando conseguiriam criar uma comunidade nova e descobrir novas perspectivas para a Igreja de Cristo.

A reunião de Genebra foi mais uma entre muitas. Em Singapura e em Tonga, no Quênia, no Caribe e especialmente no Canadá, grupos de cristãos se têm reunido em salas paroquiais ou em casas particulares, ao meio-dia, aproveitando a pausa para o almoço ou em torno da alguma xícara de café, à noite, com o mesmo objetivo. Já se contam essas reuniões às centenas, voltadas para o diálogo ecumênico e em debates em torno de uma questão bastante simples: Que têm as Igrejas a dizer umas às outras, hoje, quando se reúnem? Têm uma mensagem comum para transmitir ao mundo?

A resposta também bastante simples a esta pergunta já foi escolhida como tema da Assembléia de Vancouver do Conselho Mundial de Igrejas: *Jesus Cristo, Vida do Mundo.*

À primeira vista esta frase parece muito simples. Mas, que significa esta afirmação nestes anos oitenta? Como isto nos ajuda a enfrentarmos as contradições de nossa desunião, a desigualdade com que repartimos os nossos recursos, as vacilações com que trabalhamos em prol da justiça e da paz, os limites de nossas confissões culturais e nacionalidades?

Todas estas questões serão debatidas na série de reuniões que, por iniciativa do Conselho Mundial de Igrejas, estão sendo celebradas durante os anos que antecedem a Sexta Assembléia do Conselho em 1983, durante a realização da Assembléia e depois dela.

Em todas as reuniões que se realizam nas trezentas Igrejas Membros do Conselho, nos grupos de estudo locais, nos sínodos ou nos Cultos, os presentes serão convidados a refletirem sobre o significado que tem a afirmação de uma vida em comum no corpo de Jesus Cristo.

Para as Igrejas do Conselho esta pergunta vai suscitando dificuldades. Nós respeitamos as diferenças existentes entre as diversas correntes tradicionais, ortodoxa, protestante, reformada, anglicana, pentecostal e independente. Sem dúvida, no âmbito do Conselho Mundial essas correntes de água viva fluem juntas, dispostas a irrigar a totalidade da Igreja.

## AS GRANDES SEÇÕES DO CONSELHO MUNDIAL

Um exemplo daquilo que podem produzir essas correntes reunidas são os programas das quinze seções do CMI, agrupadas em três unidades: *Fé e Testemunho*, *Justiça e Serviço*, *Educação e Renovação.* Porém até que ponto ditos programas são conhecidos e seguidos?

A unidade *Fé e Testemunho* compreende:
*Comissão de Missão Mundial e Evangelização*, a qual dá destaque aos novos sinais do Reino de Deus;

O *Grupo de Trabalho Igreja e Sociedade*, que renova o velho intercâmbio entre a ciência e a fé;

A *Secretaria para o Diálogo com as Religiões e Ideologias de nosso Tempo*, a qual tenta criar uma comunidade baseada na cooperação e na confiança entre pessoas de tradição muçulmana, hindu, budista, judia, etc.;

A *Comissão de Fé e Constituição*, a qual busca novas formas de unidade visível através de pontos de vista teológicos convergentes e de testemunhos comuns de esperança.

A unidade *Justiça e Serviço* compreende:
A *Comissão de Ajuda Intereclesiástica, Serviço Mundial e Refugiados*, a qual distribui entre as Igrejas mais de sessenta milhões de dólares, por ano, tanto para ajuda imediata de urgência como para desenvolvimento a largo prazo;

A *Comissão sobre a Participação das Igrejas no Desenvolvimento*, a qual apóia as lutas populares a favor da justiça social, a auto-suficiência e o crescimento econômico;

A *Comissão das Igrejas para Assuntos Internacionais*, e que analisa as causas dos conflitos mundiais, inclusive de

violações dos direitos humanos e a extensão do militarismo;

A *Comissão Médica Cristã*, a qual trata de estabelecer modelos de assistência sanitária novos e mais acessíveis, orientados para a cura das enfermidades e para o fomento da saúde;

O *Programa da Luta contra o Racismo*, o qual, através de projetos, investigações e um Fundo Especial, manifesta, de maneiras diferentes, a sua solidariedade para com as vítimas da opressão racial.

O título da terceira unidade, *Educação e Renovação*, fala por si mesmo; compreende:
Programas centralizados na inquietude da mulher e seu desejo de participar plenamente na vida das Igrejas;

Projetos relativos à juventude e debate com jovens;

Novas tendências em matéria de educação, como o desenvolvimento da alfabetização, proteção à infância, educação familiar, novos modelos de instituições eclesiásticas, concessão de bolsas de estudo e formação em estudos bíblicos;

O *Programa de Educação Teológica* que procura novos meios de preparar leigos e clérigos para desempenharem a sua missão e o seu ministério;

A *Seção de Renovação e Vida de Congregação*, a qual ajuda as comunidades cristãs locais a partilharem mutuamente as suas experiências em matéria de Culto e de Serviço.

O Instituto Ecumênico de Bossey, situado nos arredores de Genebra, é um centro de formação de futuros dirigentes ecumênicos. Mais de quatrocentos estudantes pertencentes a Igrejas Membros de todo o mundo participam anualmente de seus cursos e seminários.

Graças a todos esses programas, já se puderam juntar muitos recursos materiais e espirituais. A série de reuniões preparatórias para a Assembléia constituem uma ocasião única, no decênio, de partilhar mais ampla e publicamente aquilo que já se recolheu no seio da comunidade.

## A HISTÓRIA DO CONSELHO MUNDIAL

Porém o que têm de especial essas reuniões? Nos trinta e três anos de vida do Conselho Mundial não se têm feito reuniões preparatórias e complementares de cada Assembléia?

De fato, assim tem acontecido desde 1948, ano em que os delegados das cento e quarenta e seis Igrejas fundadoras celebraram uma reunião em Amsterdã, em meio às ruínas de uma Europa devastada pela guerra, sob o tema *A Desordem do Homem e o Desígnio de Deus.*

A partir de então duplicou o número de Igrejas Membros e a comunidade ecumênica foi enriquecida com numerosas e diferentes confissões e culturas; as suas atividades centralizaram-se na oração, no estudo da Bíblia e no exame comum do tema de cada nova Assembleia.

Em 1954, em Evanston (Estados Unidos), num mundo submetido às tensões da primeira guerra fria, o tema foi *Jesus Cristo, a Esperança do Mundo.*

Em Nova Délhi (Índia), sete anos mais tarde, num ambiente de espiritualidade milenar, o tema da Assembléia foi *Jesus Cristo, a Luz do Mundo*, e, em Upsala (Suécia), como reflexo do otimismo reinante ao final dos anos sessenta, *Eis que eu faço novas todas as coisas.*

A última Assembléia se reuniu em Nairóbi (Quênia), em 1975, com o lema *Jesus Cristo liberta e une.* E agora, fiel à sua tradição cristocêntrica, o Conselho Mundial escolheu como tema para a Assembléia de Vancouver, *Jesus Cristo, a Vida do Mundo.*

## VANCOUVER, UMA EXPERIÊNCIA DIFERENTE

Em torno deste tema, e a fim de avaliar a confiança que ele inspira, convidam-se as Igrejas a realizarem debates e orarem, a cantarem e a estudarem, com o objetivo de se prepararem para a Assembléia de Vancouver (Canadá) no ano que vem (83).

Embora todas estas atividades sigam a pauta normal de reunião e dispersão, desta vez, porém, começam muito antes, e as oportunidades de participação que se apresentam às Igrejas e aos

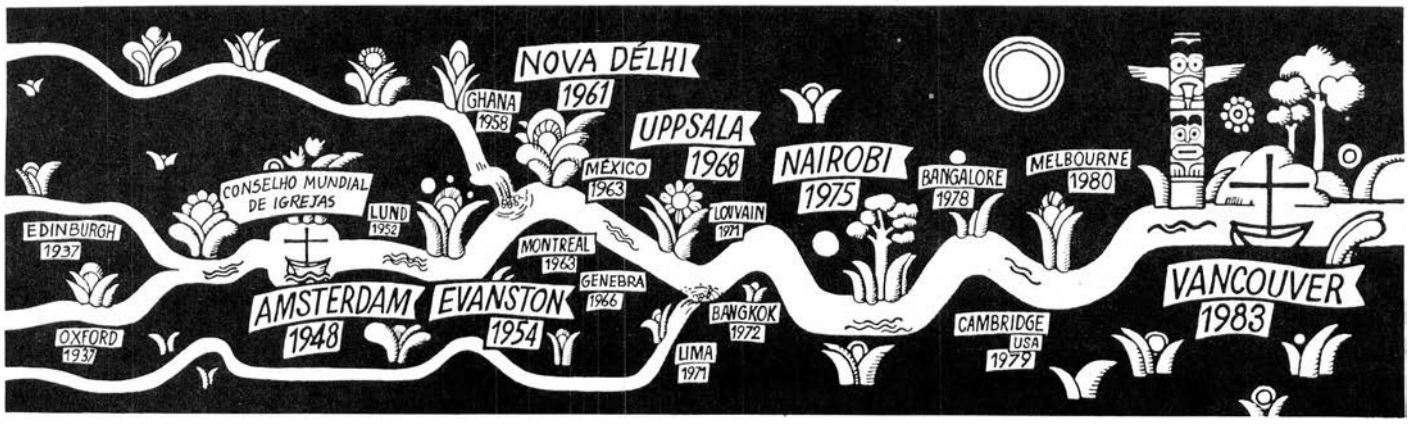


Ilustração: Conselho Mundial de Igrejas

cristãos de todo o mundo são também mais amplas e mais evidentes que nunca.

O CMI recomenda encarecidamente às suas Igrejas Membros que, até 1983, dediquem uma parte de seus recursos humanos e financeiros a um programa de visitas no qual poderiam figurar todas e cada uma das Igrejas Membros espalhadas pelo mundo. As diversas Igrejas receberão a visita de algumas equipes ecumênicas, cujos componentes exporão a amplitude e a diversidade da comunidade de Cristo.

As referidas equipes compostas de delegados à Assembléia de Vancouver, participantes de comitês ecumênicos, participantes de reuniões anteriores, antigos alunos do Instituto Ecumênico de Bossey, líderes das Igrejas Membros e pessoal do CMI, recolherão as reflexões inspiradas pelo tema da Assembléia, explicarão o trabalho que se está realizando no CMI e escutarão a mensagem das Igrejas, tudo isso a fim de dar uma nova orientação e impulso ao movimento ecumênico.

O programa de visitas não apenas facilitará o encontro entre cristãos de diferentes confissões e culturas (kimbanguistas do Zaire, ortodoxos russos de Leningrado, metodistas de Minnesota) como também oferecerá às diferentes Igrejas locais novas oportunidades de se reunirem, em que pesem todas as suas divisões. Por sua condição de membros do Conselho Mundial, ditas Igrejas terão de responder em comum às questões propostas pela Assembléia de Vancouver.

## AS QUESTÕES DA SEXTA ASSEMBLÉIA

A primeira e mais importante é a seguinte: Como proclamar a vida num mundo onde imperam a morte e a autodestruição? (A Assembléia de Vancouver vai reunir-se às margens de um oceano transformado em campo de ensaios nucleares.)

Principiemos pelo próprio tema da Assembléia: Como podemos conciliar a afirmação de caráter único e universal da vida em Cristo, enquanto mantemos um diálogo com outras religiões e ideologias de nosso tempo? Como se pode mostrar que esta vida em Cristo é um dom que nos é dado livre e eternamente sem que nós estabeleçamos as condições? Como podemos afirmar que esse mesmo dom é concedido a todos os homens, em todas as partes do mundo, tanto fora como dentro das Igrejas?

Na ordem do dia da Assembléia estão outras questões que são fruto do trabalho ecumênico realizado durante os últimos oito anos e que se resumem a quatro programas com os seguintes temas:
As expressões novas da fé no Deus Trino;
A busca de uma sociedade justa, viável e baseada na participação;
A unidade da Igreja e a sua relação com a renovação da comunidade humana;
A educação e a renovação em busca de uma comunidade verdadeira.

Para inserirmos estas orientações na experiência das Igrejas, há várias questões que, em 1983, já terão adquirido um grau de maturidade suficiente para que a Assembléia se pronuncie sobre elas.

A título de exemplo, cabe citar as declarações convergentes sobre o batismo, a eucaristia e o reconhecimento mútuo do ministério, questões as quais revelam um consenso teológico entre as Igrejas, até agora negligenciado, precisamente sobre doutrinas consideradas geradoras de desunião. Qual será a acolhida e a resposta das Igrejas a todos estes problemas?

Em que níveis teremos conseguido chegar a uma Igreja solidária com os pobres, uma Igreja universal que reparta os seus recursos ecumenicamente entre o abismo cada vez maior entre a riqueza e a pobreza, a liberdade e a opressão, a comunidade e o caos?

Não são fáceis estas questões; entretanto, se as reuniões preparatórias da Assembléia conseguissem recolher os sinais de vida, esperança e alegria os quais, como bem sabemos, já são uma realidade atual, então a Assembléia de Vancouver poderia ser o símbolo de uma Igreja mais aberta e mais profunda capaz de percorrer o caminho do presente decênio.

## COMO VAI SER A ASSEMBLÉIA NO CANADÁ

Agora, porém, falemos da Assembléia de Vancouver. A reunião acontecerá no campus (uma extensão de aproximadamente quatrocentos hectares) da Universidade de Colúmbia Britânica, em frente ao Pacífico, numa cidade que reflete a diversidade cultural desse mesmo oceano. Enriquecida com a experiência de outras conferências mundiais anteriores, a Assembléia de Vancouver será mais simples e mais fácil de acompanhar; nela predominarão os grupos de trabalho formados de vinte a vinte e cinco pessoas, grupos que proporcionam uma atmosfera mais íntima do que a Plenária. Será uma Assembléia baseada antes nas relações humanas que nas relações oficiais.

O trabalho que deverá realizar-se em Vancouver é, sem dúvida, bastante considerável. Será reexaminado o difícil trabalho ecumênico posto em prática durante estes oito anos e hão de estabelecer-se as linhas para o restante do decênio. De fato, a Assembléia é o órgão legislativo e normativo supremo do CMI; é também um lugar de Culto e de estudo, uma oportunidade para ampliarmos os compromissos adquiridos, recobrarmos o ânimo e renovarmos a fé, o que não é menos importante. Todos estes valores ficarão às claras em Vancouver uma vez que terão sido descobertos, examinados e partilhados nas reuniões que as diversas Igrejas tiverem realizado antes da Assembléia.

Embora as Igrejas do CMI representem mais de quatrocentos milhões de membros, entretanto na Assembléia de Vancouver apenas estarão presentes novecentos delegados, aos quais se somarão observadores, assessores, convidados e representantes da imprensa. Com todos estes, a Assembléia terá quase três mil assistentes ao todo.

A capacidade de cada um para contribuir com uma nova ótica e nova finalidade para o movimento ecumênico, depende muito mais do que venha a acontecer nas reuniões anteriores, do que durante a Assembléia propriamente dita.

# JESUS CRISTO

**Informe da Reunião das Igrejas-Membros do Conselho Mundial de Igrejas**
Oaxtepec, México, 13 a 16 de abril de 1982

**Preparação da Sexta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas**
Vancouver, Canadá, 1983

## PREÂMBULO

**O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) realizará a sua Sexta Assembléia em Vancouver, Canadá, no final de julho e início de agosto de 1983. Como parte do programa da Assembléia, aconteceu em Oaxtepec, México, uma reunião preparatória (13 a 16 de abril de 1982) à qual estiveram presentes representantes das Igrejas-Membros do Conselho Mundial, na América Latina. O ponto central dessa reunião foi o tema da Sexta Assembléia: *Jesus Cristo, A Vida do Mundo.* Nesse sentido, as pregações, os estudos bíblicos e os temas apresentados prepararam os participantes para refletirem sobre o significado de tal afirmação formulada em nosso tempo pelo movimento ecumênico, no caso específico das diferentes situações vividas pela Igreja na América Latina.**

**Predominou nessa reunião um intenso clima de diálogo e de unidade. Pode-se mesmo afirmar que essa reunião testemunhou o processo de renovação que vivem as Igrejas desta parte do mundo. Resultado dessas reflexões surgiu um texto que foi aprovado pelos participantes. Estamos publicando esse texto na esperança de que sirva para estudo e preparação das comunidades cristãs, congregações locais, Sínodos e Conferências anuais de todas as Igrejas, para a Assembléia de Vancouver. E o fazemos na esperança também de que, através destas reflexões, continue progredindo o movimento de unidade entre as Igrejas, os cristãos e os povos. Também oferecemos esta publicação com o espírito implícito na afirmação: *Jesus Cristo — a Vida do Mundo.***

Unidade I

## Jesus Cristo, a Vida do Mundo

### A VIDA: DOM DE DEUS

Olhando em torno vemos a plenitude da criação de Deus, da força de seu amor, o qual preparou tudo para que se manifestasse com toda a sua riqueza o dom da vida; a vida confiada à humanidade e, por isso mesmo, direito de todos os homens. Entretanto, comprovamos também que a vida humana, como a de toda a natureza, se transformou em carga pesada. Aquilo que fora criado como bênção transformou-se em dor e agonia (Rm 8.20-33). O egoísmo, a opressão, a pobreza e o absurdo ameaçam toda a criação. A vida do oprimido se torna dolorosa na medida em que se vê amesquinhada pela impossibilidade de se aproveitar da plenitude da criação. A vida do opressor se torna maldição enquanto nega a vida aos outros (Is 5.8). A afirmação e a negação da vida, dessarte, estão presentes simultaneamente em cada homem e em cada comunidade humana na sua totalidade.

Porém, na tensão vida e morte, dom de Deus e destruição dele, descobrimos que Deus renova o dom da vida por meio da presença restauradora do Cristo encarnado, desse Jesus de Nazaré no qual se explicitam a redenção e a esperança que dão sentido à vida mesmo frente à morte. Dessa forma percebemos uma força tal que ativa a luta pela vida, aquela esperança vivida especialmente pelos pobres e oprimidos que lutam por sua libertação.

### O DOM DA VIDA E A REALIDADE DA IGREJA

A Igreja se constitui corpo para ser o anúncio desta mensagem de vida e de liberdade. O "ser corpo" da Igreja não é uma abstração, mas manifesta-se de forma concreta nas suas congregações e nos homens, mulheres e crianças que participam de sua vida e que vivem o Evangelho.

Este "corpo vivente", porém, o qual é a Igreja, encontra-se invadido pela luta da vida e da morte. Sendo ela a anunciadora do Evangelho, é também participante da realidade da opressão que envolve tudo o que é criado, é também lugar e vítima da manifestação das tensões entre morte e redenção, tensões estas que constituem o drama da história e da vida humana.

# A VIDA DO MUNDO

Lourdes Maria Grzybowski

Sem dúvida, a presença do Espírito Santo reaviva sinais de vida na Igreja, sinais que atuam sobre a comunidade que responde, adora e serve a seu Senhor. A Igreja está viva quando o Espírito reaviva nela a capacidade de descobrir os sinais da presença de Deus no íntimo da realidade cotidiana. Faz-se necessário conhecer a nossa realidade e agir nela a fim de cumprir a vontade de Deus e chegar a perceber a verdade de Cristo (Jo 7.17). É no meio desta renovação do dom da vida o qual emerge do morrer e do ressuscitar com Cristo (Cl 2.13,14), no meio das experiências diárias de luta que a leitura da Palavra, a oração e a liturgia adquirem vida nova.

Em nosso Continente, a abertura para a causa dos pobres e a entrega a ela por parte da Igreja são um sinal por excelência de tal renovação. Quando a Igreja assume ser a "Igreja dos Pobres", quando vive em função dos "pequeninos irmãos" de Jesus nos quais ele se faz presente (Mt 25.31-46), o dom da vida se manifesta renovando a Igreja no caminho da fidelidade. E esta é uma experiência real da vida da Igreja.

Ao contrário, temos que reconhecer, em muitos casos, que a Igreja nega o dom da vida e se torna cúmplice das forças da antivida, às vezes por uma certa ingenuidade ou ignorância das condições reais em que se desenvolve a vida de nossos povos, outras, no entanto, também por medo, ambição ou má fé, o que revela a presença de fato do pecado naquele mesmo lugar onde deveria estar a sentinela da vida. Sucede isto quando a Igreja acoberta situações de injustiça e de morte; quando em seu discurso acolhe e estimula aqueles que violentam a vida; quando prega uma mensagem desencarnada, desligada das situações e conflitos reais que acontecem ao ser humano e, dessa forma, escapa de chamar o pecado com os seus verdadeiros nomes de exploração, miséria, racismo, etc. Ou quando, pelos tipos e métodos de sua proclamação, esvazia o Evangelho de seu conteúdo personalizador e se torna massificadora. Também quando aceita como normais dadas situações, ignorando a sua vocação como portadora de esperança, e o seu compromisso com o Reino. Ou quando a sua estrutura interna ou a maneira como projeta a sua mensagem — o que tem acontecido às vezes — impede a criatividade e o compromisso de seus membros.

Aqui, no entanto, há um sinal de vida! O reconhecimento e a confissão de suas próprias limitações e erros, que a Igreja põe em prática, é parte de sua vitalidade e dom da graça restauradora de Deus. A Igreja revela a ação do Espírito quando assim age, ao se examinar à luz da Palavra e da ação de Deus. Uma Igreja que não saiba reconhecer o seu pecado está morta, porque voltou as costas à constante dinâmica de Deus, o qual faz novas todas as coisas.

## A MISSÃO E O DOM DA VIDA

O homem é colaborador de Deus na tarefa criadora e participa também da ação redentora de Cristo, esta portadora da mensagem e do dom da vida. A criação não é algo acabado, definitivo, mas uma proposta aberta à liberdade do homem. Por ela o homem é responsável para levar adiante o amor que Deus esbanjou em sua obra. O dom da criação foi dado para ser compartilhado por toda a família humana; e, na medida em que a irresponsabilidade do homem fragmentou a família humana, privando significativas partes dessa mesma família do acesso aos bens da natureza e da vida, faz-se necessária, por parte de todos aqueles que são chamados e aceitam formar a nova família de Deus (a Igreja), a prática de atos concretos que explicitem e comuniquem a vontade de Deus (Jo 1.1-4).

O multiforme dom da vida está desafiando a Igreja a procurar a justiça e a reconciliação do homem com o seu próximo e com Deus em Cristo, como a busca mesma do Reino de Deus e de sua plenitude. A prática da Justiça por parte das Igrejas é inseparável da missão uma vez que a glória de Deus é que o ser humano viva, e quem atenta contra a vida, atenta contra Deus. Nesta missão a Igreja não pode temer perder a própria vida porque ela bem sabe que a sua vida nasce de uma perda, segundo o exemplo de seu Mestre.

Por isso a missão da Igreja na comunicação do Deus da vida é uma militância concreta. É uma vida renovada em meio à vida do mundo. É uma presença que se abre a quantos vêem a sua vida ameaçada, protelada, desprezada, vida essa que a Igreja revaloriza ao oferecer a sua própria vida por eles sob a fé na ressurreição.

Para tanto a Igreja possui recursos próprios: os recursos da fé, da esperança, da Palavra e da oração. E preocupa-se também pelos recursos da natureza, a fim de que possam ser aproveitados eqüitativa e criativamente por toda a humanidade. Está alerta porque sabe que a ambição dos homens pode esgotar e destruir os recursos que Deus prodigalizou em sua criação, mas também porque sabe que a distribuição e participação dos recursos e do aproveitamento deles é ameaça contra a vida.

A Igreja não ignora que precisa tanto dos recursos materiais como dos espirituais. Porém não deve tampouco ignorar que é responsável pelo uso desses mesmos recursos (tanto uns como outros) na proteção de toda a vida e não só em próprio benefício. É especialmente responsável perante aqueles que são despojados de tais recursos pelos que possuem o capital. Até que ponto as Igrejas ricas dos países opulentos não devem a sua riqueza à exploração dos pobres dos países dependentes! Até que ponto o fato de sermos uma mesma Igreja nos torna corresponsáveis em recuperar esses mesmos recursos em favor daqueles que deles necessitam mais urgentemente, daqueles a quem verdadeiramente pertencem e aos quais em seu serviço deve proteger como o dom da vida.

Sidney Waismann

Unidade II

## A Vida enfrenta e vence a Morte

INTRODUÇÃO

Os sinais de vida e de morte se concretizam e se manifestam em situações historicamente definidas. Não são simples afirmações abstratas. Assumem forma e corpo. Quando as Igrejas proclamam que Jesus Cristo é a vida do mundo, fazem-no numa realidade concreta a qual desafia a se fazer a prova desta mensagem.

No contexto latino-americano — onde em forma desafiadora se apresentam estes sinais de vida e de morte — encontra-se a Igreja, uma comunidade de fé que tem Jesus Cristo como fundamento. Jesus é aquele que venceu a morte em todas as suas expressões e que convida a celebrar a vida mesmo quando as manifestações da morte pareçam vencedoras.

As expressões institucionais da Igreja de Cristo contêm em seu seio também esses sinais de vida e de morte. As próprias lutas e divisões da sociedade se manifestam no interior das mesmas Igrejas. Não podem elas considerar-se como blocos monolíticos e coesos na luta contra as formas de pecado e de morte.

No momento latino-americano atual em que as Igrejas estão sendo cada vez mais questionadas e desafiadas a reafirmarem concretamente a palavra libertadora do Evangelho, cabe uma declaração de penitência e de arrependimento pelos erros e pelos compromissos que assumiram com formas de opressão causadoras de morte e de sofrimento a muitas pessoas.

Devem as Igrejas estar ainda atentas e vigilantes a fim de não assumirem uma posição triunfalista, querendo achar que todas as manifestações do Espírito Santo tenham de traduzir-se necessariamente através da Igreja e dos cristãos. A graça de Deus não está restrita à nossa perspicácia.

As expressões de vida e de morte não são apenas de ordem individual em nossa sociedade. As estruturas e instituições são, também, manifestações muito fortes do poder do mal e do pecado. Na América Latina, os fundamentos da sociedade estão, baseados, na maioria dos casos, sobre a economia de mercado, no individualismo e na concorrência, na desigualdade e na exploração da força de trabalho, e se sintetizam no sistema capitalista internacional. Tais fundamentos constituem-se em formas de iniqüidade e injustiça, em expressões de idolatria e de morte.

## JESUS CRISTO, A VIDA DO MUNDO

*Não é vida a vida que se vive por engano,*
*essa triste vida que não tem calor humano.*
*Pois viver a vida é muito mais do que a aparência*
*de viver a vida que só é sobrevivência.*

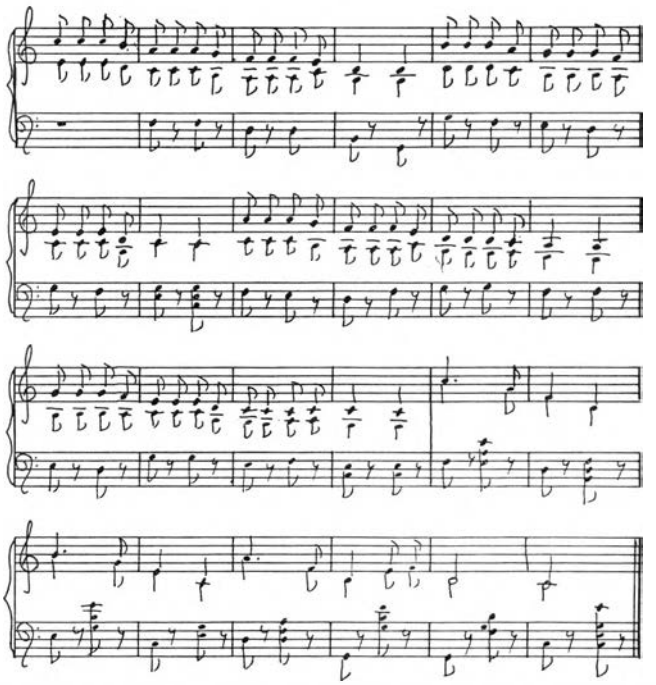
Jesus Cristo é a vida,
é a vida do mundo.

*Não é vida a vida que se vive como escravo*
*sem ter voz ou vez, sem lar, abrigo nem centavo.*
*Pois viver a vida é como a busca da aventura:*
*só é vida a vida enquanto a liberdade dura.*

*Não é vida a vida que se vive sem futuro,*
*que só tem memória, só passado vago e escuro.*
*Pois viver a vida é muito mais do que a lembrança:*
*só é vida a vida que ressurge da esperança.*

*Essa vida é a vida que em Jesus nós alcançamos*
*quando, junto a ele, o mundo injusto transformamos,*
*e vencendo a morte, as opressões e a tirania,*
*viveremos sempre no seu Reino de Alegria.*

Jaci C. Maraschin, 1982



## TENSÕES ENTRE OS SINAIS DE VIDA E DE MORTE

Parece muitas vezes que a morte é o elemento final de todas as coisas. A Igreja e os cristãos não o entendem assim. A esperança que guardam consigo, fundamentada naquele que ressuscitou da morte e prometeu fazer novas todas as coisas, leva-os a compreenderem que as tensões entre a vida e a morte fazem parte de um projeto de redenção de toda a humanidade. Esta tensão permanente entre vida e morte está presente em diversas formas na sociedade. Pode ser verificada na sua dimensão estrutural, institucional e pessoal.

### Evidência dos Sinais da Morte

Dimensão Estrutural

As manifestações estruturais da morte assumem formas muito diversas. Seria impossível esgotá-las num só documento. Na América Latina, as de mais impacto e as mais visíveis poderiam exemplificar-se assim:

A estrutura econômica da sociedade, fundamentada nas atuais expressões do modo de produção capitalista, aumenta a desigualdade e favorece a concentração de riquezas e de poder entre os setores mais favorecidos da sociedade.

As empresas transnacionais representam uma das formas mais sofisticadas de progresso do sistema capitalista internacional. A referida transnacionalização da economia facilita e amplia as diferenças estruturais características da economia latino-americana e aprofundam a antiga divisão internacional do trabalho. A atividade de tais empresas não se limita apenas ao campo econômico. Intervêm, não apenas destruindo as empresas nacionais, como também influindo nos projetos políticos e nas modificações culturais da sociedade latino-americana; a fim de atingirem seus objetivos comerciais chegam até a fazer uso de sua imensa capacidade de corrupção. As suas expressões de morte, ocultas muitas vezes às Igrejas e ao povo, têm aparência de vida a nível de atividade econômica.

A concentração da posse da terra, cada vez mais, nas mãos de poucos é um instrumento visível de morte e dor na medida em que vai provocando migrações e se vão apoderando dos recursos de sobrevivência de milhões de camponeses.

Os trabalhadores da América Latina têm cada dia o seu trabalho menos valorizado. Vêem-se obrigados a consumir cada vez mais horas de vida, em condições desumanas, no trabalho desgastante, a fim de proverem condições mínimas de vida para as suas famílias. Permite este tipo de exploração que uns poucos aumentem as suas riquezas e o seu poder. Isto torna-se intolerável em todos os países, para os que trabalham nas minas, na construção civil, na indústria, no campo, e alcança as mulheres e as crianças com formas de exploração ainda mais abjetas.

Outro fator extremamente contraditório num continente de tanta miséria e sofrimento é o crescimento da corrida armamentista: setenta e cinco por cento das exportações de armas dos países industrializados estão voltados para o Terceiro Mundo. Tais gastos militares implicam um grande desperdício de recursos financeiros e humanos, de matérias-primas, de conhecimento e investigações; esses recursos poderiam ser usados para o melhoramento da vida de milhões de pobres e miseráveis. Entre 1965 e 1975, o número de homens em armas na América Latina subiu de setecentos e oitenta mil para quase um milhão.

As culturas nacionais, especialmente as indígenas, têm sido constantemente mutiladas e destruídas. Suas terras foram usurpadas, os seus meios de trabalho limitados e a sua dignidade de vida manchada e desqualificada.

A organização do Estado tem sido feita segundo a doutrina da "Segurança Nacional", para a qual o mais importante é a defesa do sistema dominante do que o apoio ao bem-estar do povo.

No campo político e econômico chegou-se a formas cruéis e violentas de repressão contra pessoas que lutam pelas liberdades de expressão, de pensamento, de organização e de ideais políticos. A censura tem sido aplicada sistematicamente, violando os direitos fundamentais da pessoa humana.

Dimensão Institucional

Poderíamos ilustrar este nível com as diversas instituições sociais. Vamos limitar-nos apenas à instituição Igreja.

No meio das Igrejas também há evidências de morte. Como exemplos indicaremos:

A idolatria e a sacralização de certas estruturas eclesiásticas as quais impedem a participação e a atuação do povo nos níveis de decisão e de poder, favorecendo a discriminação e a desigualdade.

Uma herança histórica muitas vezes comprometida com as forças de opressão situa as Igrejas como instrumentos legitimadores das manifestações do pecado e da morte, especialmente em suas evidências estruturais.

A busca de segurança e prestígio social, concebidos como o reconhecimento dos grupos do poder, compromete as Igrejas com projetos de dominação e impede, dessa forma, a adoção de atitudes libertadoras.

O sectarismo, bastante presente em certas Igrejas latino-americanas, o qual impede uma visão mais abrangente do Evangelho e que torna mais efetiva a proclamação da mensagem evangélica, fez-se arma de divisão e serviu para desvirtuar o próprio Evangelho. Este sectarismo impede a transparência da unidade do Corpo de Cristo e torna difícil ao mundo o crer no amor de Jesus.

Dimensão Pessoal

As estruturas e as instituições sociais se interiorizam na pessoa humana. As suas expressões concretas são visíveis no comportamento, nos valores e nas atitudes do ser humano.

Também aqui nos limitaremos a apontar alguns exemplos das evidências da morte nas expressões individuais:

O egoísmo em todas as suas variantes.

O individualismo quando — em sua mais alta expressão —, põe os desejos e interesses individuais — a qualquer preço — acima da comunidade.

A alienação — uma das armas mais fortes das estruturas e das instituições, visto que assume os seus valores — tira à pessoa a possibilidade de estabelecer uma relação entre os seus sucessos individuais e todo um processo histórico estrutural.

**Evidência dos Sinais de Vida**

Apesar de todos esses sinais da morte, os quais muitas vezes tentam sufocar-nos e invadir-nos, vêem-se, entretanto, em diversos lugares e níveis da sociedade, as inarredáveis evidências da vida rachando esta visão de poder absoluto.

Tais manifestações também aparecem sob uma perspectiva estrutural, na criação de novas formas institucionais e em expressões individuais.

Dimensão Estrutural

O questionamento das estruturas de dominação e de morte que se mantêm na América Latina aumenta de maneira cada vez mais acentuada e visível. É impressionante a evidência da injustiça e da debilidade paradoxal que estas estruturas representam para a maioria do povo de nosso Continente.

Setores da sociedade, empresas e profissionais na América Latina, estão tomando consciência e conscientizando a grupos cada vez mais numerosos da população, especialmente grupos políticos e de Igrejas, sobre a transferência de riquezas para o exterior através das transnacionais que, para tanto, servem-se de sofisticados e — aparentemente inocentes e insignificantes — dispositivos conseguidos "legalmente".

O repúdio crescente e inegável da corrupção, meio utilizado pelos poderosos para aumentarem seu poder e riquezas.

A sabedoria e a criatividade do povo se manifestam por meio de formas de resistência a tais estruturas da morte.

A mobilização e a organização popular têm demonstrado a sua força irresistível, de maneira muito concreta, atualmente no Continente. A experiência, para muitos incrível, do povo pobre da Nicarágua é um sinal ineludível das forças da vida vencendo os poderes da morte.

Apesar das agressões e da humilhação constantes impostas às culturas populares, elas ressurgem a cada dia e se fortalecem na luta e no sofrimento.

Impressionante é a consciência cada vez maior que as mulheres têm de seu papel na sociedade e o repúdio aos ultrajes da sua dignidade. O mesmo acontece com os grupos negros e índios.

Dimensão Institucional

Aqui também nos restringiremos à instituição eclesiástica apesar das riquezas de outras instituições sociais.

Invasão e irrupção dos pobres na Igreja. Torna-se impossível ignorar as modificações impostas pela presença ativa e participante dos pobres na Igreja. Sem dúvida constitui isto um movimento irreversível de renovação espiritual estrutural.

O povo está vivendo e aprofundando as forças libertadoras do Evangelho. A relação fé e vida torna-se evidente e impulsiona de maneira bem clara a ação pastoral em termos globais, tanto na sociedade como nas próprias Igrejas.

A renovação das formas culturais e das expressões litúrgicas levam o povo a uma maior participação nas celebrações. O povo as recusa apenas quando são expressões de formas de vida importadas e impostas. Nota-se que a celebração passou a ser parte da vida e da luta pela justiça.

Os ministérios da Igreja também passaram a ser exercidos pelo povo. Isto antes de os diminuir, aumentam a sua grandeza e significado.

O Evangelho na sua grandeza ilimitada passou a ser lido na perspectiva do pobre e da vida e, dessa forma, tornou-se elemento decisivo para superar obstáculos que o impediam de chegar a ser um sinal evidente de esperança e de renovação.

A preocupação e o compromisso com a dignidade humana, a defesa intransigente e valorosa dos Direitos Humanos são elementos de inspiração e testemunho para diferentes setores da sociedade. Isso custa martírio e dor, porém se transforma em gritos de vida e esperança.

O surgimento de um novo sentido de espiritualidade, comprometido com a luta e alimentado na oração e na ação, é outro sinal.

Dimensão Pessoal

Os reflexos das evidências da vida encontram resposta em manifestações individuais. Trata-se do Homem Novo que renasce e destrói progressivamente as marcas do Homem Velho e do pecado. É o ressurgir diário que atesta a vitória da vida. Indicaremos apenas algumas evidências a título de exemplos:

O espírito solidário e fraterno começa a despontar no meio do individualismo egoísta e mesquinho. O comunitário sobrepõe-se aos interesses individuais. do

As dimensões do amor sobrepujam e derrubam as do orgulho, da vaidade e do ódio.

As expressões de solidariedade entre os pobres provocam emoção e apontam sinais visíveis da presença concreta do Reino de Deus na Terra.

Do despojamento dos valores do grupo dominante. Aquilo que era significativo deixa de ser, uma vez que o sentido e a perspectiva de vida passam a ser definidos pela Justiça e pela Fraternidade.

## TESTEMUNHOS DA VITÓRIA DE CRISTO SOBRE A MORTE

Na América Latina, o povo, em meio a seu sofrimento, de uma forma para muitos incompreensível, vive na esperança e antecipa a alegria da vitória em Cristo (Hb 6.5). Na sua fraqueza encontra força, na sua pobreza, riqueza, na sua cultura surge a sabedoria, na sua unidade encontra as armas para vencer.

O fato histórico da ressurreição de Cristo permite à comunidade de fé compreender o mistério da morte e da ressurreição na vida de todos os dias.

Um dos aspectos por meio dos quais a realidade do triunfo sobre a morte aparece concretamente é a alegria que o povo experimenta no meio de seus sofrimentos. Isso se revela nas celebrações do povo, através de seus hinos, de suas poesias, de suas danças, de sua arte, de seus chistes e de seu vivo senso de humor. A alegria do povo é uma forma de resistência ao opressor.

Esta alegria também se expressa na vida da Igreja, por meio das celebrações, da proclamação da Palavra da Vida, dos testemunhos, da oração, da ação de graças, da celebração da Ceia do Senhor, dos coros e por meio da solidariedade da comunidade cristã.

Apesar de sua fraqueza, o movimento ecumênico dá testemunho de que o chamado de Cristo à Unidade é uma vitória contra o pecado da divisão, da estreiteza do sectarismo; é uma expressão de vida tal qual se acha no Evangelho.

Unidade III

# A Vida em Plenitude

Jesus Cristo anunciou que veio trazer a vida em plenitude (Jo 10.10). Como cristãos, confessamos que esse anúncio corresponde a uma realidade experimentada ao longo dos séculos e que, apesar de todas as suas fraquezas e traições, continua sendo verdade e promessa para todos. Porém, como proclamar vida plena em Cristo num mundo tão cheio de restrições à vida e de ameaças da morte, num Continente onde a qualidade de vida se vê traída por forças de opressão? Como proclamar vida abundante diante de tantas limitações e tanta marginalização?

A expressão abundância, plenitude, pode ser compreendida como um gracejo por todos quantos lutam por alimento, por sentido, por comunidade? Porém, se a proclamamos como promessa de Deus em Cristo, é porque sabemos que essa qualidade de vida nova, cujos sinais se propõem na Bíblia, de fato, é uma realidade alegre, experimentada hoje por muitos, mesmo em meio de situações de horror. Proclamar e viver a vida em Cristo será uma contribuição fundamental ao surgimento da esperança, à afirmação da fé e à manifestação do amor.

## A VIDA EM PLENITUDE É A VONTADE DE DEUS PARA SEU POVO

No Antigo Testamento Deus manifestou o seu desejo de uma vida plena para seu povo. A idéia de vida plena para os antigos está expressa no "shalom": quando a família dispunha de pão, abrigo, trabalho, amigos e paz. Isto significava uma vida com sentido, vivida sob condições dignas de uma existência dada por Deus. A Bíblia se excede em textos que corroboram ser a vida plena a vontade de Deus para o seu povo. A mesma fundamentação encontra-se também em Jesus Cristo.

Em João (10.9-14) lemos que Cristo veio para que tenhamos vida em abundância. E esta vida abundante é resultado de uma dádiva que nos dá o Senhor como aquele Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Vejam-se nestas passagens (Dt 30.19,20; Am 5.14,15; Mq 6.6-8) as referências à prática do bem, da justiça e do amor como experiências de uma vida plena.

Paulo (2 Co 5.14,15) exorta-nos a sairmos de nosso individualismo e não vivermos para nós mesmos, mas para os demais (1 Jo 4.9). E o texto de João (6.57) nos fala de que a fonte de vida inesgotável procede de Cristo.

## VIDA PLENA — VIDA DE CRISTO NO ESPÍRITO

Para que haja vida plena o Espírito Santo move-se em meio à história, em meio à criação ainda inacabada, fortalecendo as nossas deficiências de vida. Isto significa que não se trata de dizer que a nossa vida é forte, mas que, em meio às vicissitudes de nossa existência, "o Espírito nos assiste em nossa fraqueza". É esse mesmo Espírito que atua na história "com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26,27).

A vida em plenitude se dá quando o Espírito nos farta com os seus frutos, e vence a nossa cobiça, egoísmo, idolatria, ódios, ambições, divisões, sectarismos, inveja e outras misérias morais. "Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, generosidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio" (Gl 5.19-24).

Quando a vida humana — e, sobretudo, a vida da Igreja — manifesta uma presença assim do Espírito, então "o corpo cresce até alcançar a medida do homem total: Jesus Cristo". A meta é "até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13).

## A VIDA EM PLENITUDE ENFRENTA UMA CONTRADIÇÃO NO MUNDO

Mostra-nos a vida real, com efeito, que a vida plena é negada pela frivolidade a que nos leva o mercado de consumo, o qual cria necessidades supérfluas; pela massificação das pessoas e das instituições; pelo domínio que o Estado exerce sobre o homem; e pela interiorizaão de valores que se opõem à Palavra de Deus. A vida plena debate-se entre a tensão do ser e do ter. O egoísmo destrói a possibilidade da vida plena para outros e se manifesta em estruturas de poder diabólicas, na falta de suprimento das necessidades básicas da vida, tais como, alimentação, moradia, saúde, trabalho, educação, etc., como também na injusta distribuição dos recursos. Todas essas manifestações se revelam como a essência da morte, e negam a vida plena. Do mesmo modo a ausência de uma espiritualidade na qual Cristo de fato seja o Senhor da vida e não um instrumento de consumo, e a carência de valores éticos coerentes com as exigências do Reino de Deus explicitam a necessidade de uma vida mais plena, a qual, segundo o Evangelho, se realiza na pessoa de Jesus Cristo.

## COMO IGREJA CONFESSAMOS TAMBÉM AS NOSSAS CONTRADIÇÕES

Reconhecemos que geralmente temos expressado uma fé em Deus apenas por palavras, pondo de lado o nosso compromisso. Sem dúvida, como comunidade de crentes em Jesus Cristo, não podemos abstrair-nos dos grandes problemas sociais e econômicos que vivemos neste mundo. Por isso confessamos:

Que temos sido negligentes quanto aos dons recebidos de Deus, por não os termos usado para o serviço e a glória de Deus.

Que temos feito uma dicotomia entre o espiritual e o social, limitando-nos a certas práticas eclesiásticas, pensando com elas termos chegado à maturidade que Deus exige de nós e esquecendo que a dimensão material do

homem é também uma responsabilidade cristã, freqüentemente temos apresentado a Cristo como um Deus alheio aos problemas humanos e ao desenrolar da história, sem reconhecê-lo oculto entre os pobres, os párias, os desempregados; desperdiçamos dessa forma uma oportunidade maravilhosa de encarnar o serviço a Cristo em toda a dimensão da vida da Igreja, numa atitude de diálogo e de serviço ao mundo.

Que temos experimentado a ausência do espírito de unidade que nos tem impedido de nos comunicarmos e de repartirmos os nossos recursos. A procura de posições de poder e de autoridade na Igreja nos tem levado a uma política na qual a instituição vale mais que a pessoa, coisa que nos tem desgastado, debilitado e dividido.

Entretanto estamos sendo chamados ao arrependimento e temos a oportunidade de refazer e retomar a nossa fidelidade a Deus. "Se o meu povo, sobre quem foi invocado o meu Nome, se humilhar, orar, buscar a minha presença e se arrepender de sua má conduta, eu, do céu, escutarei, perdoarei seus pecados e sanarei seu país" (2 Cr 7.14).

Porém, em que pesem nossas imperfeições, sentimos que o poder de Deus se está aperfeiçoando em nós e tal mudança nos pode tornar autênticos portadores da vida plena em Jesus Cristo e das boas novas.

## AS SURPRESAS DA BUSCA DE UMA VIDA PLENA

Surpreendentemente, no meio de um panorama sombrio como este, irrompem, na história, sinais desta vida plena.

Não podemos senão dar graças a Deus pela presença e participação de grandes maiorias que resistem a serem exploradas e que defendem corajosamente sua dignidade humana. Estes fatos estão muito próximos como sinais de algo transcendente que motiva essas maiorias a enfrentarem os sinais da morte, com isto afirmam que desejam participar de um plano que deve ser com todos e para todos. E este agarrar-se à vida outra coisa não é que o resultado da inspiração e direção do Espírito do Senhor como o grande condutor da vida.

Lourdes Maria Grzybowski

## O PAPEL DA IGREJA

Para que o mundo creia que Jesus Cristo é o Filho de Deus e a vida abundante faz-se necessário que tal mensagem seja vivida e proclamada pela Igreja, integralmente. É imperativo manter a nossa fidelidade ao Deus encarnado nas necessidades humanas, isto em plena coerência entre a nossa palavra e a nossa prática. Estamos sendo desafiados a desenvolver um estilo de vida coerente com a mensagem da libertação que proclamamos. Isto implica no esvaziamento — renúncia aos valores individualistas, para assumir obedientemente o propósito de seguir a Cristo crucificado e ressuscitado. Os valores comunitários precisam ser cultivados na partilha de nossos recursos, uns com os outros: chorar com os que choram, alegrar-se com os que se alegram e nos identificarmos com aqueles que lutam por melhores condições de vida.

Deste modo a Igreja irá adquirir um poder de apelo tal que motivará a sociedade a partilhar da vida abundante que Cristo oferece a seu povo.

## A VIDA EM PLENITUDE COMO A AFIRMAÇÃO DA VIDA FRENTE À MORTE

A grande proclamação cristã é: O Senhor ressuscitou, a vida vence a morte e o Senhor garante: "Porque eu vivo, vós vivereis". A vida em Cristo aparece como vencedora da morte. A Cruz — a entrega total, o sofrimento do justo — é vida para o mundo.

Com emoção contemplamos o povo pobre e crente da América Latina, como enfrenta as forças das trevas e como oferece a sua vida mesmo numa afirmação de fé e confissão que chega às vezes até à morte e que afirma que Deus vive e oferece a vida por toda a eternidade. Essas vidas, dizimadas pela violência institucionalizada, são grãos de trigo que morrem para o surgimento e construção de uma sociedade que está substantivada pela esperança de um novo céu e de uma nova terra.

Como Igreja de Jesus Cristo, devemos também estar dispostos a morrer com tudo aquilo que se oponha à gestação do mundo novo, que possibilite melhores condições de vida para nossos filhos e para as gerações futuras.

Temos a inafastável responsabilidade de continuar trabalhando pela plenitude da vida compartilhando a realização de nossa alegria com os outros; e de lutarmos pela justiça e pela paz para todos, "com os olhos fixos naquele que é autor e o realizador da fé, Cristo Jesus" (Hb 12.2).

Unidade IV

# A Unidade como Sinal de Vida

## INTRODUÇÃO

A afirmação de Cristo para "que todos sejam um para que o mundo creia" (Jo 17.26) mostra-nos uma responsabilidade irrecusável em nosso Continente latino-americano.

Apreciamos bastante toda a reflexão e análise bíblico-teológica que temos examinado sobre o tema da Unidade nos estudos remetidos pelo Conselho Mundial de Igrejas. Sem dúvida, atualmente, na situação urgente e angustiosa de nosso Continente, cremos que a discussão sobre a unidade penetra infalível em nossa ação e compromisso com os grupos marginalizados de nosso Continente.

Os sinais de unidade que podemos achar em nossa história nos propõem um estilo de vida no qual os cristãos das diversas denominações e confissões se unem a fim de praticarem o amor e a justiça no meio do nosso povo.

Um tal sentido de unidade leva a uma prática sacramental comum e a uma liturgia mais apropriada, autêntica, que seja um sinal de entrega, de sacrifício, de "obediência até à morte" (Fp 2.8).

Constatação: Cristo ora (é a sua vontade) para que todos possamos ser um. E verificamos que existe uma divisão (não tanto eclesiástica), ou mais precisamente, formas de desunião. Ou então: a opção de se ligar a este ou àquele grupo eclesiástico não é exatamente uma opção tomada de plena consciência, chega a ser quase um acidente, vinculado intensamente às tradições religiosas, por exemplo.

Desta forma, nós verificamos que, sempre que abordamos o tema da unidade como sinal de vida, levando em conta a preocupação fundamental da certeza de que Jesus é a vida do mundo, automaticamente surge uma perguna que nos leva a aprofundar a reflexão:

Que significa para o cristão viver em unidade? Ou, de outra forma: Qual é o nosso compromisso com a promoção da unidade em nossa sociedade?

Temos que procurar os motivos de tais divisões. Estão elas em todos os níveis da vida. Simplesmente porque existem divisões sociais, políticas, religiosas. De uma ou de outra maneira, chegou o momento de nos livrarmos das formas da desunião. As Igrejas precisam procurar novas maneiras de reflexão. Isto porque muitas vezes é a Igreja que vive tal situação e, ainda mais, se faz cúmplice de tais divisões. E chegamos aqui a um ponto fundamental: não há como escapar da realidade. Quando se quer atacar de frente o tema da unidade, a vontade expressa de Cristo é que todos sejamos um.

Experimentam alguns a arte de construir no vazio — isto é, as palavras giram em torno de idéias e não de fatos. É preciso distinguir o bosque e não apenas a árvore. Faz-se necessário que tenhamos todos um encontro com a realidade visto que somente através do conhecimento dela é que poderemos mudá-la. Vivamos os problemas de nosso tempo, precisamente agora, quando os conceitos estão sofrendo a corrosão dos tempos modernos. É preciso que surjam idéias novas. É tempo de amadurecer conceitos A verdade, como os diamantes, é ou não é. A mentira atualmente possui incríveis variações: manchas amarelas, quistos malignos. Por conseguinte há que reconhecer que alguns aspectos sacramentais não são fundamentais na América Latina. E aqui vamos encontrar um outro motivo de divisão, porque crêem muitos que a situação latino-americana nos leva a uma opção inevitável: a salvação da alma ou a realização do homem por meio da promoção humana. Mas, até que ponto são elas excludentes? Não será importante vê-las como complementares? Se o nosso compromisso prático implica a constatação de que devemos lutar para conseguirmos concretizar essa unidade em Cristo (unidade que racha as barreiras entre nós e o mundo), então torna-se evidente que buscamos um humanismo integral. A vida sem pão não tem sentido; a declaração do Evangelho é que Cristo veio para dar-nos vida e vida em abundância.

## UNIÃO/DESUNIÃO COMO SINAIS DE VIDA/MORTE

Todo fracionamento humano, que não seja inerente ao homem, é negação da realização plena do ser humano, trate-se ou não de um cristão. É sinal de morte que afeta a vida. Da mesma forma toda tentativa de viver a união e a organização pode ser considerada como sinal de vida e para a vida, esta compreendida como dom de Deus.

Dessa forma os sinais da morte se traduzem nas diferentes fragmentações que se expressam na violação da dignidade humana, na marginalização, na exploração da mulher e do índio, e noutros.

A constatação da unidade como sinal de vida em Jesus Cristo nos leva à relação entre vida e morte. Esta categoria assim, permite-nos fazer uma leitura teológica das divisões do nosso Continente. A expressão social de pecado, que é a raiz de todas as divisões, é o binômio vida/morte (opressor/oprimido). Este relacionamento errado acaba por traduzir-se nas estruturas sociais, hoje dominantes, as quais conduzem à morte a uma grande parte do povo latino-americano. Nós, porém, aqui estamos hoje, preocupados com a vida, vida em unidade, vida em abundância, vida para todos.

A implantação do Reino de Deus começa aqui. Mas esta estrutura de morte que reduz o tempo de vida, produz uma péssima qualidade de vida a qual também se expressa na vida da Igreja. Esta, julgamos, é a causa principal provocadora de tais divisões. A falsa dicotomia mundo/Igreja impede de nos vermos como sujeitos da promoção da vida humana em nosso Continente. A Igreja tradicional realiza, em alguns países, uma separação (impossível) entre mundo e Igreja. A Igreja está no mundo. Jesus disse a seus discípulos: Ide por todo o mundo.

Valdir Alonso

## A UNIDADE EM FUNÇÃO DA VIDA

A unidade deve ser, em nosso Continente, levada em conta em função da necessidade de superar situações que geram a morte. Tem sido possível apreciar como a unidade cristã ecumênica é visível na América Latina nas lutas reivindicatórias do povo. Esta unidade se expressa em celebrações litúrgicas e dos sacramentos, por meio de fórmulas bem informais e, em alguns casos, espontâneas, de partilhar os elementos sacramentais.

Nasce isto do povo, entre o povo, para o povo; não foi resultado de uma discussão a nível bíblico-teológico, antes surgiu da prática em meio ao processo de luta diária.

Descobrimos que dita unidade se consolida quando se consegue um alto nível de *participação*. Em termos claros: não é algo que se imponha de cima para baixo, é antes o fruto de uma comunhão fraternal, comunitária, familiar, afetiva.

Não se pode mais falar de Unidade da Igreja sem levar em conta a luta da comunidade humana; ou seja, a luta da comunidade humana é que dá sentido à unidade da Igreja.

As divisões que se constatam na América Latina têm o sabor da morte. A unidade tem o caráter da vida. A marginalização das maiorias, a desunião, a marginalização das culturas, são obstáculos à afirmação econômica e racial do povo. São fatores que podem ser identificados como sinais característicos da morte.

Afirmamos que a unidade começa a manifestar-se quando da superação de todas essas divisões, ou seja, logo que se começa a conseguir a libertação do povo, a sua salvação.

A construção da unidade tem, em nosso Continente, um pressuposto: a implantação da justiça. Verifica-se haver um laço indissolúvel: a prática da justiça pré-formadora e provocadora da implantação da unidade. A unidade na América Latina, em conseqüência, passa pela prática da justiça e a prática da justiça passa pela luta contra os sinais da morte. Para tanto precisamos ter olhos para ver e ouvidos para ouvir. Reconhecemos que o ponto de partida dessa prática da justiça não acontece no interior da Igreja, é uma prática simultânea com o processo de libertação, é luta pela libertação e sempre se dá em situações concretas.

## VIVER EM CRISTO

Os padrões de vida das Igrejas, originários e impostos por estruturas missionárias estrangeiras, muitas vezes nos impedem de sermos sinal de unidade em nosso próprio meio. Se a teologia é a fé que reflete, a fé que pensa, deve-se reconhecer que, às vezes, tem muito pouco a ver com o conteúdo das orações, com aquilo que se canta em nossas Igrejas. Deve-se isso em parte ao fato de que as Igrejas têm tido poucas oportunidades de expressarem sua própria criatividade com a sua música, sua visão de Deus, de Cristo e do Espírito Santo, sua vida em comunidade.

Isso nos faz pensar de novo na unidade. Uma preocupação que nos leva a uma equação. Está claro que precisamos lutar a fim de que haja uma *renovação*. Para que tal renovação seja implantada faz-se necessário que haja um *compromisso*. O compromisso converte-se em ação, ação essa sem a qual a Igreja não cumpre *a sua missão*. Buscar essa unidade apela à prática da perseverança (não se deixar levar pela acomodação em vista do fato de a unidade ainda não ser concreta) e da paciência, cuja dimensão pastoral não deve ser menosprezada. Importa recordar que não há esperança sem paciência.

E a ação está imbricada na missão — quer dizer: a Igreja está sendo chamada para ser sinal de unidade, unidade que aproxime todas as gerações e todas as pessoas. Unidade diante de um só Deus. Quando uma Igreja se renova, é sinal de que se purifica. As crises contemporâneas são também sinais evidentes de que se impõe uma revisão de esquemas arcaicos e obsoletos. A fragmentação de nossas Igrejas impede-nos de sermos uma força conhecida para fazermos frente aos poderes do mal, os quais promovem a morte em nosso contexto.

Para a Igreja latino-americana, que significa "viver em Cristo"? Significa termos, como ele, de dedicar-nos à promoção da vida em nosso Continente. Significa termos de passar por uma *conversão* (transformação) por meio da qual possamos ver a realidade, sofrer, lutar ao lado dos que sofrem o peso da morte. É preciso, neste sentido, perceber — e a prática dos últimos anos o tem demonstrado — que a Igreja pode cumprir um papel importante no processo de conscientização: enquanto que — ao ser invadida pelos pobres — a Igreja é conscientizada, e passa também a conscientizar. Significa isso ler o Evangelho a partir da perspectiva do povo, escutando a sua reflexão e tendo respeito pela palavra que vem a nós desse povo. Significa termos que assumir a defesa dos grupos marginalizados. Significa rompermos com os nossos estilos pastorais tradicionais para estar lá, no meio do povo, fazendo-nos povo com aqueles que o integram. Significa estarmos ao lado das forças da vida e combatermos até o sacrifício para derrotarmos as forças do mal, as quais impedem a realização plena da vida abundante que Jesus Cristo veio oferecer ao nosso Continente.

Elza Támez

# o pão da vida

Texto bíblico: João, 6

Gostaria que centralizássemos a nossa atenção em dois fatos que acontecem nesta passagem bíblica de João. São eles: a multiplicação dos pães e a explicação de Jesus sobre o pão vivo. Vejamos os elementos dos dois fatos.

## A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Este relato aparece nos quatro evangelhos. Em alguns, como em Marcos, encontra-se duas vezes. Há certas diferenças entre os diversos relatos, diferenças importantes, porém, o fato fundamental é que houve uma multiplicação de uns poucos pães que alguém partilhou, todos comeram e ainda sobrou. Vou enumerar os elementos do evento. Vou fazê-lo misturando as diversas narrações sobre a multiplicação.

1. Chegam os apóstolos, conversam com Jesus sobre o que fizeram e Jesus faz-lhes ver a necessidade que todos, inclusive ele, têm de ir descansar. Vão-se para outra parte.

O povo não quer ir-se embora e o acompanham, até mesmo chegam primeiro ao lugar aonde supõem que os outros foram descansar.

2. Jesus se entristece e os olha com compaixão, por dois motivos:
Ele os viu como ovelhas sem pastor, desorganizadas;
Estavam com muita fome pois não comiam há quase três dias.

3. Jesus os instrui e lhes dá também de comer a todos. Como? Alguém oferece tudo o que tem e Jesus o multiplica.

4. Organizam-se todos os cinco mil a fim de que todos tenham o que comer e para que ninguém açambarque mais que o necessário e para que ninguém fique com fome. Sobra para guardar para outras pessoas.

5. Jesus abençoa o pão e o reparte. Entrega-o aos discípulos para que o repartam.

6. (Nos primeiros três evangelhos) Jesus despede o povo. No Evangelho de João querem proclamá-lo rei, vêem-no como profeta. Jesus se retira. Há neste relato dois elementos importantes e simultâneos: a palavra e o pão. Neste acontecimento já se lê a prática da Santa Ceia: Jesus toma os pães, dá graças e os entrega a seus discípulos para que os repartam. Todos comem e todos alcançam a bênção.

Vejamos agora o relato sobre o pão da vida.

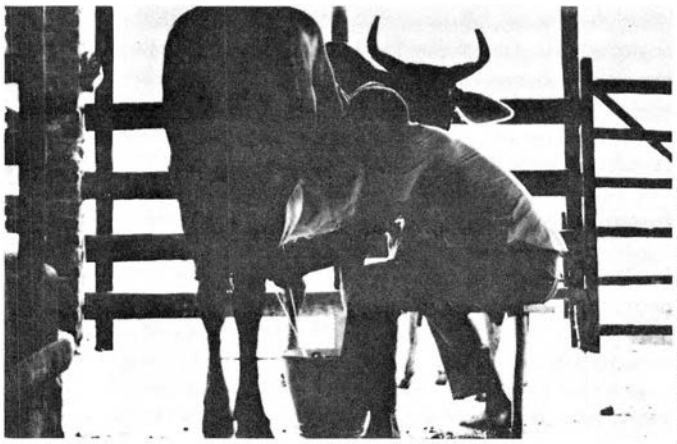
## JESUS, O PÃO VIVO

1. As pessoas querem a Jesus e Jesus as reprova dizendo-lhes que eles o buscam não porque viram os sinais (o milagre da multiplicação), antes porque comeram pão.

2. Ensina-lhes também que deveriam procurar uma espécie de pão imperecível. Refere-se ao pão vivo.

3. Pessoas querem que Jesus lhes dê naquele instante desse pão. Jesus, porém, lhes explica que ele é o pão, que têm de comer da sua carne e beber do seu sangue para terem essa vida eterna. Aquele que come esse pão vivo (Jesus) tem a vida (v 56).

4. O que Jesus está tentando dizer ao povo é que, para que tenham sempre pão, faz-se necessário que o seu espírito e vida esteja neles. Dessa forma eles com Jesus nas suas pernas, nas suas mãos, nos seus corpos, caminharão



Lourdes Maria Grzybowski

Lourdes Maria Grzybowski

como Jesus, agirão como Jesus e multiplicarão os pães como Jesus, porque Jesus está neles. Ainda mais, terão sempre a fé e a esperança de que será assim sempre e lutarão por isso porque crerão naquele que enviou a Jesus. "Aquele que crê naquele que me enviou terá a vida eterna" (Jo 5.24). Não mais necessitarão que alguém lhes dê de comer, já não dependerão de alguém para comer ou não comer. Eles, no espírito do pão vivo (Jesus), conseguirão obter o pão, lutarão por ele. Com os ensinos de Jesus e com o espírito que os anima, provarão e vislumbrarão esse pão da vida eterna.

5. Depois de ouvirem estas coisas, muitos discípulos abandonaram Jesus.

Agora reflitamos sobre estes dois relatos conjuntamente. Nestes dois relatos há dois elementos presentes, simultâneos, indissolúveis e insubstituíveis: o pão e a palavra; a satisfação de se alimentar e a satisfação de viver em plenitude; a matéria e o espírito que anima a matéria; o pão e a bênção do pão imperecível. Noutras palavras, trata-se de uma experiência humana que envolve o imediato e o transcendente, quer dizer, aquilo que dá vida e sentido a essa experiência imediata do pão material.

A tradição cristã por muito tempo separou esta experiência humana e preferiu ou tentou ficar apenas com uma das partes da palavra, o espírito, a bênção; deixou de lado o pão, a matéria. Isso não tem sentido. A carne sem o espírito de nada serve, o espírito sem a carne também. A multiplicação dos pães, isto é, pão para todos e a vida abundante que Jesus propõe configura o pão da vida.

Walter Ghelman

Ângela T. Freitas

Detenhamo-nos mais sobre esta experiência humana, sobre o pão da vida, quer dizer, o dom que Nosso Senhor Jesus Cristo nos dá a fim de que experimentemos ao mesmo tempo a plena satisfação do comer e a plena satisfação do viver.

O pão vivo é uma promessa do Senhor e acontece apenas debaixo de certas condições. Sem elas não se atinge o pão da vida. Ditas condições não obedecem a uma ordem específica, antes aparecem simultaneamente.

1. A fim de podermos saborear ou desfrutar do pão da vida é necessário que as necessidades de todos sejam satisfeitas. Que todos comamos, tenhamos trabalho, moradia, vestuário, educação, celebração, alegria. O pão da vida somente assim pode-se manifestar. A vida sem o pão não tem sentido, o pão é insubstituível. Serve como exemplo a vela, para estar acesa precisa de condições básicas que exigem cera, pavio, etc.

2. Para que a nossa vida adquira significado, há que experimentar alguma coisa mais além da satisfação das necessidades básicas. Se é certo que o pão é insubstituível, é certo também que o pão da vida, ou a esperança da plenitude do Reino de Deus é uma necessidade humana fundamental, visto que dá sentido à nossa existência. O pão sem a vida é uma reivindicação fundamental, mas tem que haver algo mais. Se a vela por mais fina que seja não tem chama, não serve para aquilo para que foi feita. Como não tem sentido um toco de cera com um pavio.

Nesta linha devemos compreender as palavras de Jesus ao declarar: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Usa-se muito este texto em nossas Igrejas, mas de maneira equivocada. Usa-se para aplacar a fome física do pobre sem o que comer. O erro que cometemos é que eliminamos do texto a palavra *só* e esse vocábulo é fundamental, insubstituível. Sem essa palavra, "a palavra que procede da boca de Deus" perde seu sentido. Porque o homem tampouco vive somente de palavras. Reconhece-se a Jesus ressuscitado precisamente no momento de partir o pão e não antes (Lc 24.30).

Por meio deste texto Jesus nos quer explicar que o pão como um direito a ser reivindicado, fundamental ao homem, precisa inserir-se num projeto mais amplo, num horizonte maior que ultrapassa a nossa existência e que nos desafia a procurar a manifestação da plenitude do Reino de Deus, projeto de justiça, amor, vida, alimento para todos. O pão vivo se forneia no domínio de Deus sobre a terra nova prometida. Aqui, nesta nossa terra, o pão sem a vida não tem sentido e a vida sem pão, muito menos.

3. Estes dois elementos anteriores não têm razão de ser sem um outro elemento: para experimentarmos esse pão vivo, necessitamos assumir o apelo ao compromisso que Jesus nos propõe. O pão da vida é um dom que não se

pode receber passivamente, conquista-se. E a maneira para ganharmos e conquistarmos o pão da vida que Jesus nos oferece é seguindo e imitando os passos daquele justo de Nazaré que fez justiça aos necessitados, aconselhou-os, deu-lhes esperança de um novo reino de justiça, defendeu-os perante as autoridades, enfrentou valentemente os poderes repressivos, deu a sua vida por todos os homens e triunfou sobre a morte. Jesus plantou a semente da luta pela vida, a qual está germinando hoje entre muitos povos.

Em João se diz que Jesus é o pão vivo, que temos que comer de sua carne e beber de seu sangue a fim de permanecer neles e ele em nós (6.56). Este é o apelo ao compromisso de lutarmos pelo pão da vida com Jesus em nós. Sem a luta não há pão nem há vida.

Necessitamos construir a realidade do pão para todos, ou seja, a satisfação das necessidades básicas, para nos aproximarmos do pão da vida. Em cada lugar em que haja multiplicação de pães e onde todos têm o que comer, no lugar em que se cozinha o pão da vida, o Reino de Deus torna-se visível, manifesta-se e nós o celebramos com alegria; sentimos desde então a presença da vida eterna prometida.

Poderá alguém perguntar: "E por que é preciso lutar?" A resposta é óbvia, porque o pão não está à vista. Uns poucos o açambarcaram, têm-no escondido e o controlam. Até pareceria que o que está à vista na América Latina é o pão da morte, do sofrimento, da incerteza, do medo. Esse é o pão que diariamente se come na América Central, o pão da morte que se forneia com o fogo do inferno, nas cozinhas dos centros de controle do destino dos nossos povos, nas estufas das transnacionais. É o pão que tem o fermento dos fariseus e de Herodes. Jesus nos adverte para termos cuidado com esse fermento (Mc 8.15).

Duas coisas nos ficaram do ensino de Jesus quando os pães foram multiplicados. Sem tais elementos não teria havido pão para todos:
Partilhar com os demais aquilo que alguém possui;
A necessidade de organização.

Jesus disse ao povo que se organizassem em grupos de cem e de cinqüenta (Mc 6.40); sem tal organização, possivelmente, pessoas teriam ficado com fome; sem a partilha dos pães e dos peixes, ninguém mais teria comido.

A multiplicação dos pães é o sinal necessário para que se manifeste o pão vivo. Se não tivesse havido essa multiplicação, alguns, os que tinham dinheiro, seriam os únicos que teriam comido pão (os discípulos tinham sugerido a Jesus que despedisse a multidão a fim de que fossem comprar pão, porque estavam com fome — Mc 6.36). Jesus prefere o bem-estar das maiorias e propõe outro método: que partilhem e se organizem, dessa forma todos conseguem pão e ainda sobra para outros que venham depois.

Recordemos, porém, que Jesus não deseja que o busquem somente porque têm fome. Deseja ele que a gente compreenda os sinais (Jo 6.26). Perceber os sinais é entender que há algo mais que dá sentido ao pão material,

Lourdes Maria Grzybowski

Camponeses de Ronda Alta, Rio Grande do Sul

que engloba a nossa visão diária. É a esperança escatológica da plenitude da vida, do Reino de Deus, o qual — sendo a nossa luta impulsionada pelo Espírito de Cristo — se faz cada vez mais presente. Vejo isto na América Central, a força da vida que se move e luta para que esta se faça cada vez mais presente.

Diz-se no evangelho de João (cap. 6) que, após ter Jesus falado da necessidade de comerem a sua carne, porque ele era o pão vivo, depois disso, muitos discípulos que com ele andavam, o abandonaram e não mais o seguiram por causa daquelas palavras. Assim é que o compromisso é duro e muitas vezes exige a nossa própria vida a fim de produzir frutos.

Para concluir, vou apelar-lhes ao compromisso com um poema que eu escrevi para o CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas) e que resume tudo aquilo que eu acabei de dizer.

*CONVITE AO COMPROMISSO*

*Venha!*
*Celebremos a Ceia do Senhor!*
*Façamos todos juntos*
*um pão enorme*
*e preparemos muito vinho,*
*como nas bodas de Caná.*

*Que as mulheres não se esqueçam do sal,*
*que os homens providenciem o fermento,*
*que venham muitos convidados*
*coxos, cegos, surdos;*
*pobres.*

*Pronto!*
*Sigamos a receita do Senhor,*
*todos sovemos a massa com as mãos*
*e vejamos com alegria como cresce o pão.*

*Porque hoje celebramos*
*nosso compromisso com Jesus!*
*Hoje renovamos nosso compromisso*
*com o Reino!*

*Ninguém ficará com fome!*

# Carta aberta às Igrejas Cristãs da América Latina

## sobre a situação das Igrejas Evangélicas da Nicarágua

Texto elaborado por irmãos de diversas Igrejas Evangélicas que visitaram a Nicarágua (abril de 1982) a propósito da reunião preparatória da Sexta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas a realizar-se em Vancouver, Canadá, em 1983.

---

O desenvolvimento histórico das Igrejas Evangélicas da Nicarágua observa-se em duas etapas, sem divorciar uma da outra. A história das Igrejas na parte oriental do País remonta a 1847, particularmente com a presença e surgimento da Igreja Morávia. Na região central e do Pacífico, só na primeira década deste século, tem origem e desenvolvimento incipiente a obra evangélica. Acontece, dessa forma, a organização e o desenvolvimento das primeiras Igrejas: a Igreja Morávia, Episcopal, Batista, Centro-americana, Fraternidade de Igrejas Centro-americanas, Igreja Nazarena, Igreja de Deus e as Assembléias de Deus.

Todas estas Igrejas foram na maioria dirigidas por pastores e missionários estadunidenses até fins da década de sessenta, época em que tem início um processo de formação de lideranças nacionais que, gradualmente vão assumindo a direção delas. No presente já se pode falar de uma Igreja Evangélica dirigida e administrada por nicaragüenses e, apesar das limitações teológicas e políticas, em vias de chegar a ser uma Igreja nacional e latino-americana.

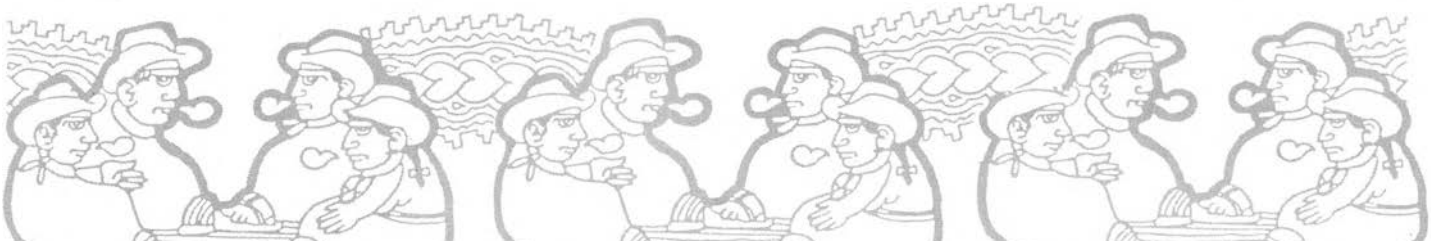
As Igrejas Evangélicas procedem de uma tradição teológica pietista, caracterizadas por uma vida de oração, leitura da Bíblia, jejum, abstinência de bebidas alcoólicas; pela saúde, o cultivo de atitudes de individualização da fé, um impreciso espírito quanto ao ministério profético e uma postura à margem do mundo e da história social. Esta caracterização implica um custo social muito alto para a Igreja em geral, uma barreira que lhe impede a manifestação de sua presença entre o povo a fim de ser, de fato, "sal e luz".

Apesar de tudo, o trabalho das Igrejas, na última década, tem sido muito significativo, tanto na evangelização, como na diaconia e no projeto de unidade. Dentro de tal perspectiva de trabalho, de estudo, de reflexão — fato que, ao mesmo tempo é um processo de conversão — vem-se edificando uma teologia e uma pastoral bíblica, humana, pobre e viva. As Igrejas vêm forjando lentamente, andando às apalpadelas, uma experiência de encontro, de companheirismo, de unidade na fé e no testemunho. Medo, preconceitos teológicos e políticos têm surgido. O Senhor, entretanto, parece que vai realizando o seu propósito, isto é, libertando os crentes, tirando-lhes as vendas dos olhos, desatando mãos e pés para o caminho e exorta-os a que se nutram de sua Palavra. A unidade do povo de Deus não deve limitar-se a uma unidade estrutural ou sociológica; deve ir além de tal expressão. É uma unidade que precisa ser bíblica no sentido em que deve construir, ao mesmo tempo, a unidade do povo em obediência a Cristo, a fim de que por meio de tal testemunho e maneira de viver, o mundo possa crer em Cristo; e a unidade pela qual os crentes possam servir ao povo e aos povos, uns à mesa, outros celebrando e partilhando a Palavra.

As Igrejas Evangélicas da Nicarágua constituem uma população de um quarto de milhão de pessoas, dentre uma população de aproximadamente dois milhões e meio. A maior parte desta população pertence à comunhão e tradição católico-romana. Os cristãos evangélicos estão distribuídos em umas mil quinhentas e trinta congregações locais, as quais, por sua vez se dividem, atualmente, em setenta e oito denominações. Vale a pena anotar que, na última década, não houve qualquer proliferação de novas denominações, muito menos depois da Revolução de julho de 1979. Pelo contrário, nesta década, pode-se afirmar um crescimento não acontecido em décadas anteriores. Deve-se o fato especialmente à intensificação dos ministérios da evangelização, diaconia e união entre as Igrejas.

Cinqüenta por cento da população evangélica se concentra na região do Pacífico; vinte por cento, na área central e trinta por cento na parte oriental do país. Avaliam-se uns mil e seiscentos pastores e obreiros a serviço das congregações e se percebe um espírito de disposição de outros irmãos e irmãs que desejam incorporar-se ao ministério.

A comunidade evangélica reúne em seu seio uma contribuição social e cultural muito rica. Encontram-se nela os índios mestiços de Monimbo, Manágua, Subtiaba e Posoltega, Palacuagüina e Comalapa, assim como as comunidades da cidade Sandino, Achua-



galinca, Matagalpa e as Segovias; as populações de crentes miskitos que habitam as regiões do Wanki, Siuna, Tuapi, Bilwi e as savanas do Wawa e Mukalaya; os irmãos sumus de Yaosca, Umra, Musawas e, finalmente, os crentes de Bluefields, do Rama My e do Mahogany. Todos estes povos, entre outros, formam o aglomerado da comunhão evangélica, liderada, em sua imensa maioria por operários, camponeses, mulheres, trabalhadores e estudantes. Entre esse povo, há diversas gradações de despertamento da consciência social. Há portanto, grupos, os quais, por um lado, dada a sua bagagem limitada de conhecimento bíblico e político, e, por outro, em decorrência da formação tradicional recebida no passado, têm atitudes ambíguas no que diz respeito à opção do projeto histórico dos pobres e ao compromisso consciente com o Reino. Igualmente pressente-se a presença de grupos de crentes no caminho da realização do Reino de Deus, os quais optaram e assumiram a revolução como projeto comum. Neste sentido e como deve ser, nota-se o caminhar das Igrejas como um processo pedagógico, com dificuldades e temores, diante de um futuro prenhe de possibilidades.

A revolução apenas está começando na Nicarágua. Para todo o povo ela é um acontecimento novo e transcendental. A todos tem impressionado este processo que canaliza a energia e a iniciativa do povo organizado, o qual, ele mesmo, se encarrega de construir uma nova ordem social. Deste modo, a revolução sandinista implicou e implicará um deslocamento sobre as classes sociais. O povo participa e dirige as suas organizações, sindicatos, comissões de fábrica, de bairro, milícias. Ao mesmo tempo vislumbra-se a eclosão de um processo revolucionário na América Central. Vê-se com agrado em tal contexto a presença cristã, não como um ato oportunista, antes, diríamos, por causa de uma certa convergência daquilo que a mensagem da fé proclama, quer dizer, a afirmação da vida e o propósito global da revolução. Mesmo porque a presença cristã evangélica se fez sentir no processo insurrecional, fazendo uma modesta contribuição à luta em diversos níveis.

Pelo visto, parece não ser uma séria dificuldade a participação militante, política e profética do cristão evangélico nas diferentes tarefas das organizações de massa da revolução. O problema está muito mais delineado na incorporação dos crentes ao programa de milícias e de tropas de reserva, embora nos referidos programas se encontre um significativo número de cristãos evangélicos. Esse "porém" não nega o direito à defesa da revolução nem é uma atitude mediata a favor do imperialismo. Trata-se de um pré-julgamento e/ou de um pressuposto teológico, assim como a falta de uma séria análise bíblica e, por que não política. Por tudo isso a agenda teológica e social das Igrejas Evangélicas da Nicarágua está quase fixada e há provas de que a sua abordagem já se iniciou.

É uma modesta realidade na qual alguns organismos evangélicos têm sido elemento unificador entre as Igrejas e têm contribuído para criar espaços e para habilitarem as Igrejas a uma participação objetiva no desenvolvimento social e econômico do país. É uma atitude que se delineia tanto como uma responsabilidade civil quanto pastoral. É nesta linha que se pode apreciar o trabalho de centenas de pastores, diáconos, mulheres, jovens, trabalhando em programas de educação, agricultura, cooperativas, artesanato, formação teológica, estudos de pesquisa social, moradias rurais; construindo todo este processo, tornando o homem mais humano, uma vez que o propósito da revolução é o homem; porque o propósito do Evangelho é o homem e para isso o Senhor deu a sua vida.

As comunidades evangélicas da Nicarágua lamentam a atitude equivocada do governo dos Estados Unidos a qual se manifesta numa agressividade ameaçadora e que envolve a presença de navios de guerra norte-americanos, nas costas do Atlântico e no golfo de Fonseca.

O povo evangélico e cristão da Nicarágua espera que esta atitude não deságüe numa ação bélica, injusta e inquietante para uma nação jovem que somente deseja a paz para os seus cidadãos.

Uma ação beligerante como esta de uma potência mundial como a dos Estados Unidos gera um sentimento de angústia nos governantes e no povo, com o conseqüente desperdício de energias, esforços e a perda de horas valiosas na preparação para a defesa do País. Todo este esforço, dinheiro e tempo muito mais poderiam ser usados para a reconstrução do País (Ne 2 e 3).

Queremos apelar às Igrejas irmãs do Continente Latino-americano a fim de que voltem a sua vista para a Pátria de Sandino e de tantos outros valentes os quais sacrificaram as suas vidas para que muitos outros pudessem viver numa sociedade justa e livre. Apelamos a todos os cristãos latino-americanos para que essa visão se transforme em oração permanente por nossos irmãos nicaragüenses, para que a graça de Deus satisfaça os seus corações de justiça e de paz, porque esta é a única vontade do Cristo da Vida.